

VOCABULÁRIO E COMPETÊNCIA EXPRESSIONAL À LUZ DA ICONICIDADE

DARCILIA SIMÕES

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

MARIA DO SOCORRO ARAGÃO

Universidade Federal do Ceará

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Aborda-se neste artigo a relação direta entre domínio vocabular e competência para a expressão verbal. Inicia-se com constatações acerca da situação do ensino de língua no Brasil (ARAGÃO). Em seguida, apresentam-se os fundamentos teóricos que, partindo da noção de competência (CHOMSKY; FONSECA & FONSECA), passa-se pela noção de *script* (VAN DIJK & KINTSCH) e parte para o cruzamento entre a Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES), a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCCONIER; SALOMÃO) e a Pragmática (MORRIS). Traz-se à tona a faculdade humana da simbolização (BENVENISTE) e a noção de léxico (VILELA). Com esse diálogo teórico, busca-se discutir o domínio e o uso do léxico como demonstradores da competência expressional dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Vocabulário Individual. Competência expressional. Estratégias semióticas.

RESUMEN: Este artículo trata de la relación directa mientras el dominio lexical y la competencia para la expresión verbal. Empezamos con constataciones sobre la situación de la enseñanza de lengua en el Brasil (ARAGÃO). En secuencia, son presentados los fundamentos teóricos que, a partir de la noción de competencia (CHOMSKY; FONSECA & FONSECA), se va a la de *script* (VAN DIJK & KINTSCH) y después hacia el entrelazamiento de la Teoría de la Iconicidad Verbal (SIMÕES), con la Teoría de los Espacios Mentales (FAUCCONIER; SALOMÃO) y la Pragmática (MORRIS). La facultad humana de simbolización (BENVENISTE) y la noción de léxico (VILELA) también vienen a contribuir con la construcción de la matriz semiótica propuesta. Con ese diálogo teórico, búscase discutir el dominio y el empleo del léxico cómo muestra de la competencia expresional de los sujetos.

PALABRAS-LLAVE: Vocabulario Individual. Capacidad de expresión. Estrategias semióticas.

Situando o problema

A introdução da obra de Aragão (1989) sobre a obra de José Lins do Rêgo fala de críticas sofridas pelo ensino e a aprendizagem da língua portuguesa no Brasil. A autora declara a existência de críticas severas sobre a “decadência” [aspas da autora] a que o ensino chegou. Observe-se que o texto em foco é de 1989. No entanto, seu parágrafo inicial representa o que é constante nos artigos que focalizam hodiernamente a questão do ensino e da aprendizagem do vernáculo.

Crê-se possível uma reflexão sobre esse grave quadro. Vinte anos se passaram entre a publicação do texto de Aragão e a escrita do presente artigo, e a situação da língua portuguesa na escola parece a mesma (se não pior!).

O que teria acontecido? Será que a evolução da ciência e dos meios de comunicação (em especial, da tecnologia) não vem favorecendo a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem da língua nacional? Em caso positivo, o que estaria sendo óbice na produção de uma prática de ensino proficiente? Estaria havendo algum descompasso entre a formação docente e as exigências de sua prática? Estaria o currículo da licenciatura em Letras afastado da realidade social do aluno e da escola?

Essas são apenas algumas das indagações que emergem nas discussões acerca das aulas de português e sua produtividade. Por que em vinte anos não se conseguiu minimizar a “decadência” do ensino de língua portuguesa apontado por Aragão em 1989?

A ciência linguística e o recurso tecnológico

É indiscutível o avanço da ciência linguística e do desdobramento de suas subáreas de pesquisa. A linguística, a semiótica e a pragmática vêm produzindo e re-produzindo teorias e métodos que parecem poder auxiliar a prática didático-pedagógica de língua portuguesa, minimizando-lhe os problemas. Contudo, estes não decorrem exclusivamente das ciências e técnicas, senão de um cenário sócio-político-cultural que manda à escola um imenso contingente de

sujeitos emoldurados por severas desigualdades. Estes manifestam sua diferença nas classes, e aquela se transforma em problema técnico-pedagógico grave, uma vez que os docentes, em número significativo, não foram apetrechados com cabedal teórico-prático para a produção de aulas que atendessem essa diversidade de sujeitos sem constrangê-los ou ignorá-los.

O constrangimento surge de certa incomunicabilidade constatada durante as conversas em classe: o professor de hoje – apesar de não mais expressar-se na língua culta como antes – mostra-se quase sempre tão deficitário linguisticamente quanto o aluno; e a reação à dificuldade de comunicação didática é o desentendimento, a indisciplina e que tais.

O ato de ignorar a diversidade linguístico-cultural do alunado tem as mesmas raízes já declaradas, todavia, acaba por gerar um pacto silencioso que resulta na aprovação em massa, a despeito do despreparo da maioria para o uso da variedade padrão da língua, que é a exigida nas práticas sociais que “diplomam” os sujeitos como cidadãos de direito e de fato.

É necessário repetir trecho importante da fala de Aragão no texto em referência, dada a atualidade do mesmo:

Para se entender uma língua é necessário se conhecer o povo que a fala: seus costumes, crenças, tradições, suas histórias de vida enfim. Um estudo de língua feito sem apoio nessa realidade não poderá atingir seus objetivos, por ser artificial, imposto e conseqüentemente, ineficaz. (ARAGÃO, 1989: 19)

Esse excerto representa uma perspectiva historicamente construída e cientificamente comprovada acerca de que ensino se precisa para atingir a eficiência verbal esperada como consequência da escolarização. No entanto, a despeito de toda a ciência e tecnologia produzidas, a prática de ensino da língua portuguesa (salvo exceções) continua inoperante, desorientada.

O que se propõe no momento para auxiliar na mudança desse quadro negativo?

Há mais ou menos 21 anos (a referência é o início de nosso curso de doutorado), passou-se a ter as instruções semióticas como objeto de investigação. Constatou-se a eficiência da imagem visual na aprendizagem da escrita (SIMÕES [1994¹, 2003, 2006], 2009), partiu-se para experimentar a categoria da iconicidade na aquisição do léxico. Realizou-se pesquisa (2002-2006) em que se confrontou a ocorrência vocabular de textos técnicos consagrados lidos (textos-fonte) em classe com a ocorrência vocabular dos textos produzidos (textos-cópus) pelos discentes leitores. Conclui-se da influência positiva do vocabulário dos textos-fonte projetado nos textos-cópus. Logo, a iconicidade entendida como *força ou qualidade plástica do signo deflagradora da cognição e subsequente produção de interpretantes para os signos lidos* foi demonstrada no levantamento do vocabulário dos textos em confronto com auxílio da ferramenta digital WordSmithTools 4.0.

Atualmente já se pode contar com eficientes processadores de texto que fornecem respostas de vários tipos, segundo os interesses da pesquisa.

A partir da pesquisa com a informatização de dados foi reforçada a hipótese do potencial icônico do signo verbal (apesar de sua arbitrariedade original), uma vez que este passa a representar modelos socioculturais, a partir dos quais os sujeitos traduzem suas idéias acerca de dois mundos: o interior e o envolvente.

¹ SIMÕES, Darcilia. *O livro-sem-legenda e a redação*. Tese de Doutorado orientada por Maria Helena Duarte Marques. UFRJ, 1994. / _____. *Semiótica & ensino: reflexões teórico-metodológicas*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2003 [200p.]/ _____. *Semiótica & Ensino*. Edição em CD. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

O aporte teórico

Retomando a noção chomskiana de *competência linguística*,² vê-se que esta é o *conhecimento que o falante tem da língua* (cf. Fonseca & Fonseca, 1990, p. 53) e que *sujeito* e *objeto* desse saber devem estar bem claros para o docente quando de sua prática efetiva. *Sujeito idealizado* e *falante/ouvinte* como *papéis interlocutórios* precisam ser considerados durante a avaliação do desempenho dos sujeitos. Assim, nas pesquisas aqui referenciadas vêm sendo observadas as relações entre competência e desempenho, tendo em conta a variação linguística original dos sujeitos.

A competência linguística tem duas características fundamentais a serem consideradas: é uma capacidade mental e implica um conhecimento sistemático. Fora os componentes mentalistas da ótica gerativa, cumpre perceber que as capacidades animais – independentemente de sua natureza – podem e devem ser desenvolvidas. No âmbito humano, a competência para a expressão verbal demanda o treinamento sistemático de uso do sistema verbal, para que o desempenho expressional seja aperfeiçoado. Diferentemente das investigações chomskianas que tratam de questões da língua (evocando terminologia saussuriana), as pesquisas a que se refere este artigo debruçam-se sobre eventos comunicativos materializados em textos escritos, portanto, ocupam-se de fenômenos da fala, ou do desempenho (segundo Chomsky, 1980).

Tem-se buscado a relação do signo atualizado na superfície textual com potenciais imagens que ele provoca sejam criadas na mente do intérprete, para a produção de significado para o texto lido ou redigido. Aprecia-se, pela observação das estruturas frasais de que o signo participa, a qualidade (ou potencial icônico) que lhe é predominante e a partir da qual serão engendradas as semioses. Para tal, recorre-se à teoria dos espaços mentais (representações mentais de

² Na ótica de Chomsky, competência linguística é a capacidade que o falante tem de, a partir de um número finito de regras, produzir um número infinito de frases.

eventos) de Faccounier (1997), por acreditar-se que o princípio nuclear da cognição humana corresponde à projeção entre domínios. Estes, por sua vez, consistem nas bases de conhecimento requeridas pelos processos de significação (ou processos semióticos).

Os *domínios* se desdobram em *estáveis* — estruturas de memória pessoal ou social, ou scripts (VAN DIJK & KINTSCH, 1983) — e *locais*, que promovem o processamento cognitivo e respondem pelo fluxo discursivo na memória de curto prazo. São domínio estáveis, noções sobre jogos, viagens, solenidades etc. SALOMÃO (1999) propõe uma subcategorização desses domínios, dividindo-os em *modelos cognitivos idealizados* — MCI — (que organizam nosso conhecimento), *molduras comunicativas* — MC — (que identificam a natureza da interação) e *esquemas genéricos* — EG — (que são conceitos configurados de forma mais abstrata).

Os *domínios locais* advêm das marcas linguísticas e contextuais, enquanto pensamos e falamos, e são denominados como *espaços mentais*. Estes “são os domínios que o discurso constrói para prover substrato cognitivo ao raciocínio e à interface com o mundo” (FAUCONNIER, 1997, p.34). Por esta teoria, as projeções ou integrações cognitivas são distribuídas segundo seus domínios (locais ou estáveis), dando-lhes relevo especial. Segundo tal perspectiva, o processamento cognitivo implica, obrigatoriamente, projeções multidirecionais, assim como intra e interdomínios; essa operação é responsável não só pela integração e dinamicidade de nosso conhecimento, como ainda pela renovação e criatividade do pensamento e da linguagem. E é com base na construção de significados pela integração de domínios que vimos propondo a aplicação da teoria da iconicidade no entendimento das capacidades projetiva e imaginativa da mente humana.

Nesse enquadre, entende-se que *o texto é uma rede de itens léxicos* que se estruturam segundo as formas e regras disponíveis no sistema linguístico. Nessa rede, os itens léxicos desenvolveriam o seguinte percurso: de portadores de qualidades (ícones) passariam a indicadores (índices) de itinerário e, por último, para generalizadores (símbolos). No entanto, a expressão verbal cotidiana opera em sentido contrário: atualiza símbolos extraídos dos *esquemas genéricos* do

sistema sociocultural envolvente e organizados como *modelos cognitivos idealizados*, dos quais tenta extrair ou produzir *molduras comunicativas reaplicáveis*.

Assim se tem investigado competência lexical dos sujeitos a partir dos textos por eles produzidos.

Uma análise multidimensional

Para substanciar a organização da análise que se propõe, veja-se o que diz Benveniste:

A faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. Aí está o fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora. Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem. Desperta muito cedo na criança, antes da linguagem, na aurora da sua vida consciente. Mas falta no animal. (Benveniste [1966³], 1995, p. 27-8)

As palavras do linguista francês servem de corolário para o que foi afirmado na seção anterior sobre a ordem da produção de signos. Ou seja, a constituição de um signo nasce no plano simbólico pela natureza convencional; e a expressão e a compreensão verbal demandam a produção e a interpretação de signos que, apesar de parecer nascerem no particular, nascem exatamente no geral, no simbólico. Isto porque o animal humano é progressivamente impregnado pelos valores, pelos conceitos circulantes em seu cenário sociocultural. Assim sendo, a avaliação da iconicidade de um signo demanda a consideração de seu cotexto (enunciado em que figura o signo em observação) e de seu contexto (cenário em que se dá a interação).

³ Ano de publicação da obra na França pela Gallimard.

A teoria da iconicidade verbal, no nível lexical, onde se analisa o potencial de ativação de imagens mentais, pode articular-se com a teoria dos espaços mentais e com a pragmática (MORRIS, 1938) simultaneamente.

Para o estudioso norte-americano, pragmática é o “estudo da relação dos signos com seus intérpretes”. Logo, isso permite uma articulação imediata com a teoria dos espaços mentais (EM) e a teoria da iconicidade verbal (TIV). Nos EM, tem-se que a cognição é mecanismo operativo derivado de influxos nervosos originados do ciclo entre MCI → MC → EG e vice-versa. Na TIV, o que deflagra o raciocínio é uma sensação causada por um sinal que ativa uma reação mental a qual provocará o surgimento de um vetor ou de um conceito. Estes, por sua vez, são produções condicionadas ao cenário que envolve a semiose, portanto, demanda o acionamento de conhecimentos prévios e de articulações entre eles, de modo a subsidiar a imaginação — produção de uma imagem mental — que será materializada num signo (independentemente de sua natureza oral ou escrita).

Busca-se, portanto, no raciocínio pautado na TIV, a compreensão da semiose produção do significado — para que o utente se torne capaz de melhor eger sua interpretação da mesma forma o faria com sua expressão. A seleção de signos com maior força icônica seria um garantidor da interpretabilidade do texto. E isso já se fez demonstrar na conclusão da pesquisa “Projeto de texto e iconicidade: uma reflexão sobre a eficácia comunicativa” (em estágio pós-doutoral supervisionado por Lucia Santaella, PUCSP, 2006-2007), quando da operação de listagem de palavras (*wordlist*) e da que identifica a frequência e as ocorrências de estruturas (*concordance*) em que ocorre dado signo, por meio da ferramenta WordSmithTools 4.0 (WST4). Esses expedientes digitais puderam levantar e confrontar os signos mais frequentes em textos-fonte e em textos-cópus (derivados dos primeiros), mostrando até identidade na seleção e na ordem de aparecimento, quando não substituídos por sinônimos lexicais ou locucionais.

Atualmente, pesquisa-se a iconicidade em contos consagrados. Investigam-se contos de Eça de Queiroz⁴ (autor eleito por simples preferência da pesquisadora), nos quais está-se produzindo tabelas (ainda com auxílio do WST4), com vista não apenas a identificar frequência e ocorrências de itens léxicos, mas sobretudo produzir um levantamento dos temas (ou isotopias) emergentes dos signos ativados nos textos explorados.

Pretende-se com isso demonstrar não apenas a força icônica dos itens lexicais apurados, mas também oferecer estratégias de identificação de isotopias possíveis para discussão dos contos em foco.

Parte-se do léxico para a construção de projetos de leitura, porque, seguindo Vilela, vemos o léxico numa perspectiva cognitivo-representativa, sendo ele então “a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística” (1995, p. 13). Pretende-se, com a abordagem cognitivo-icônica, traçar rotas de orientação técnico-didática que promovam o entendimento e a distinção (por parte do usuário/estudante) do que seja *língua* e *discurso*. Quer-se que o utente seja capaz de perceber que existem valores e funções potenciais (latentes) nos signos *enquanto componentes de um sistema abstrato e disponível a todos os falantes além de indiferente às condições específicas de sua utilização — o sistema linguístico ou língua*; e que há uma *instância atualizadora desses signos — a fala, ou discurso —* que então se submete ao reduto do repertório individual e aos condicionamentos da situação comunicativa – o ato de fala. Assim sendo, a escolha lexical demanda domínio do sistema e de suas possibilidades (ainda que mínimamente), e de sensibilidade para percepção do cenário enunciativo e de suas implicações na seleção e na combinação dos signos de modo a produzir uma fala objetiva e eficiente.

⁴ SIMÕES, Darcilia. “ICONICIDADE EM EÇA DE QUEIROZ: UM ESTUDO DO LÉXICO”, projeto de pesquisa em estágio pós-doutoral supervisionado por Maria do Socorro Aragão, no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UFC.

Finalizando, nas práticas didáticas, o docente deve programar sessões de trabalho linguístico em que o estudante leia e discuta enunciados construídos em diferentes instâncias comunicativas, para deles extrair, além dos itens léxicos e respectivos significados propostos pelos textos, as regras do sistema que interferem na produção desses significados, assim como possibilitam a criação de novos significados.

A exploração de uma análise da iconicidade lexical é uma estratégia de exame do potencial representativo dos signos tanto quando em situação dicionária quanto em situação contextual. Almeja-se com isso colaborar com a ampliação do repertório dos sujeitos de modo a propiciar-lhes expressão e comunicação mais amplas. Ademais, o cruzamento da Teoria da Iconicidade Verbal com a Teoria dos Espaços Mentais e pressupostos da Pragmática, é uma forma de enquadrar o domínio lexical em uma abordagem não mais estruturalista, senão funcional. E no âmbito dessa funcionalidade, tem-se como objetivo final da pesquisa ora em desenvolvimento (no léxico dos contos querozianos) a produção de um vocabulário dessa parte da obra do escritor português que tão bem representa o ideário lusitano do Século XIX.

Do ponto de vista de uma contribuição mais abrangente, pretende-se com a atual pesquisa aperfeiçoar a teoria da iconicidade verbal como uma forma ampla e multidisciplinar de discutir o conhecimento de mundo em relação ao conhecimento do sistema verbal. Dessa forma, discutir a produção de vocabulário e a adequada aplicação de seus elementos na produção e compreensão do discurso.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. **A Linguagem Regional Popular na Obra de José Lins do Rego**. JOÃO PESSOA - PB: FUNESC, 1990.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Coleção Signos. Lisboa: Edições 70, 1980.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: University Press, 1997.

FONSECA, Irene & FONSECA, Joaquim. **Pragmática linguística e ensino do português**. Coimbra: Almedina, 1990.

MORRIS, Charles. "Foundations of the Theory of Signs." **International Encyclopedia of Unified Science**, ed. Otto Neurath, vol. 1 no. 2. Chicago: University of Chicago Press, 1938.

SALOMÃO, M. M. M. **O Processo Cognitivo de Mesclagem na Análise Lingüística do Discurso**. Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq), 1999.

SIMÕES, Darcilia. **Semiótica & ensino: uma proposta**. Alfabetização pela imagem. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

VILELA, Mário. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.